

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR SOME REFLECTIONS ON THE PHENOMENON OF SCHOOL VIOLENCE

Juliane Pivetta Ferro (PG-UEMS-Pba)
Elson Luiz de Araújo (UEMS)

Resumo: A educação é uma prática livre, histórica, socialmente construída e reconstruída mediante as transformações sociais de cada época. Constitui uma prática emancipadora, capaz de superar o processo de alienação presente no cotidiano. Proporciona a formação da consciência social, a possibilidade de reestruturação do sistema sócio-político e a melhoria das condições de vida do indivíduo. Neste sentido, o educar é questionável ao apresentar no interior da escola situações conflituosas, como é o caso da violência. Torna-se fundamental os estudos que buscam compreender a dinâmica da violência no âmbito escolar e a pesquisa bibliográfica apresenta algumas reflexões da ocorrência deste fenômeno na escola e conclui preliminarmente que, embora não aconteçam no ambiente escolar as mais graves cenas de violência, seus reflexos são ameaçadores para o processo ensino/aprendizagem, pois coloca em risco o desempenho das atividades desenvolvidas na escola, prejudicando a relação professor/aluno e instituição, interferindo no processo de formação do indivíduo.

Palavras-chave: Educação. Violência. Violência Escolar. Socialização.

Abstract: Education is a free practice, historical, socially constructed and reconstructed by the social changes of each era. Constitutes an emancipatory practice, able to overcome the process of alienation present in everyday life. Provides the formation of social consciousness, the possibility of restructuring the socio-political system and improving the living conditions of the individual. In this sense the education is questionable at present within the school conflict situations, such as violence. Becomes fundamental studies that seek to understand the dynamics of violence in schools and the literature presents some reflections of the occurrence of this phenomenon in school and preliminarily concluded that, although not happen in the school environment the worst scenes of violence, its consequences are threatening for teaching and learning because it puts at risk the performance of the activities developed at school, undermining the relationship between teacher and student and institution, interfering in the formation of the individual.

Key words: Education. Violence. School Violence. Socialization.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma preocupação que envolve as relações sociais contemporâneas, dando ênfase à violência e de forma específica a violência escolar. O interesse pelo tema “violência escolar” surgiu a partir da graduação em Matemática, no período de 2004 a 2008, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Paranaíba, nos dois últimos anos, na disciplina de “Estágio Supervisionado”. Nesse contexto, notei a fragilidade presente no sistema educacional, a saber, salas superlotadas, alunos indisciplinados e desinteressados a conturbar o ambiente escolar e, por consequência, o processo ensino/aprendizagem.

Atualmente na função de coordenadora de área de matemática no projeto “Além das Palavras”, atentei-me para a questão da violência nas séries iniciais. Visto que os alunos, apesar da pouca idade, já desenvolvem atitudes agressivas tanto com os

professores, quanto com os colegas, com brincadeiras violentas, palavrões, apelidos pejorativos e ofensivos.

Assim sendo, ao ingressar no curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos referentes ao tema.

Nessa perspectiva, o presente artigo apresenta algumas reflexões realizadas no período de 2009/10, junto ao curso de pós graduação *Lato Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba/MS. E o mesmo tem por objetivo, apresentar, mesmo que preliminarmente, algumas reflexões que norteiam a ocorrência do fenômeno da violência no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que possibilitou compreender a ocorrência do fenômeno da violência na instituição escolar, sendo uma instituição que recebe e também produz violência, uma vez que este fenômeno é parte constitutiva dos homens e de sua história vivencial em sociedade.

A violência está presente na história da humanidade desde os séculos passados, nas batalhas sangrentas entre povos e nações na busca incessante por terras e independência, multiplicando-se na contemporaneidade. Tal fenômeno ocorre vertiginosamente nas mais diversas localidades, em todas as camadas sociais e em diversos ambientes da sociedade, entre eles no ambiente escolar, apresentando-se como uma problemática relevante, foco de constantes discussões no âmbito social e nas políticas públicas.

Especialistas como Abramovay (2002), Abramovay & Rua (2002), Abramovay *et. al.* (2002), Spósito (1998), Guimarães (1985), entre outros, procuram identificar e explicar cada vez mais a origem da violência no espaço escolar. Muitos a vêem associada à dinâmica da estrutura familiar; assim essa violência é um reflexo da situação que se tem em seu cotidiano extra-escolar como casos de alcoolismo, a convivência com pessoas agressivas, o abandono familiar, situações de miséria, etc. Outros a justificam por meio de transtornos psicológicos, como traumas de infância sofridos por abuso sexual, violência doméstica, problemas esses que alteram o comportamento de conduta do aluno. Por outro lado, essa violência pode ser considerada como uma forma de expressão frente a determinadas situações que ocasionam entre os alunos o sentimento de insatisfação e revolta que se manifestam por meio da agressividade.

A educação é uma prática livre, histórica e socialmente construída e reconstruída mediante transformações presentes na sociedade de cada época, constituindo-se, dessa forma, como uma prática emancipadora, capaz de superar o processo de alienação presente em seu cotidiano. Portanto, por meio de um sistema educacional estruturado com políticas públicas específicas à melhoria qualitativa da educação, poderemos ter indivíduos conscientes de suas funções na sociedade, permitindo-lhes reestruturar o próprio sistema sócio-político em que se inserem.

Educar não é função estritamente exclusiva da escola, pois ela se produz nas relações sociais e nos diversos grupos do qual se insere o indivíduo, e não se pode descartar a importância da presença familiar no processo de formação educacional. Embora seja na família o primeiro conceito básico sobre educação, crenças e culturas, com vistas à socialização primária, é na instituição escolar que o indivíduo passa um grande período de sua vida a cumprir exigências básicas da sociedade, considerando que se faz necessário um grau de instrução para ter mais acessibilidade à cidadania e ao seu efetivo exercício, assim como, ao mercado de trabalho.

Sendo assim, a escola tem como objetivo principal formar cidadãos críticos, reflexivos e ativos, capazes de desenvolver suas habilidades e competências para a vida social, tornado-se assim, indivíduos aptos à compreensão da realidade e ao exercício da cidadania, cientes de seus direitos e obrigações.

Para corroborar com o entendimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordam:

[...] a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (BRASIL, 1997, p. 45).

A escola considerada por muitos como um ambiente socializado, onde há uma interatividade de forma coletiva e colaborativa para o desenvolvimento do homem e melhoria das suas imperfeições e desenvolvimento da percepção de mundo, coloca em questão seu objetivo principal do educar quando apresenta em seu interior situações conflituosas como a violência.

Segundo Vieira (2008, p. 118), a instituição educacional “[...] possui papel fundamental na socialização do indivíduo, uma vez que entre os muros da instituição

escolar, a criança e o adolescente são colocados em contato com diferentes culturas e etnias, e é nesse momento em que os conflitos afloram”. Apesar dessa tensão no processo educativo, o professor deve administrar as dificuldades e os conflitos gerados na convergência do ensino/aprendizagem, uma vez que isso é parte constitutiva da formação da criança. Simmel (2006) apud Vieira (2008) afirma que esses conflitos são fundamentais no desenvolvimento social da criança e do adolescente, pois os preparam para as diversas relações que eventualmente irão se deparar ao longo de suas vidas.

Apesar de ser um tema atualmente abordado por estudiosos, pesquisadores e pela mídia, a violência escolar esteve presente desde os tempos passados quando o respeito e a obediência se faziam por meio das palmatórias, regras repressoras, castigos físicos e psicológicos.

Embora esses artifícios aparentemente pareçam ter desaparecidos do cotidiano escolar, a violência simbólica vem se manifestando de maneira gradativa, gerando várias polêmicas entre educadores, sociólogos, pesquisadores e governantes. Atualmente, o que deveria ser um ambiente atrativo e estimulante para o desenvolvimento do aluno tornou-se muitas vezes num espaço frustrante e inadequado para um processo de ensino e aprendizagem significativo.

Com referência a interação sistema escolar e alunos, Abramovay *et al.* (2002, p. 109-110) afirma que:

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações. Cada sujeito apresenta um universo próprio, tornando necessário que o estabelecimento dos espaços interativos, no contexto educacional, seja orientado a promover relações de troca, de esforços partilhados na construção de soluções comuns, para o alcance dos objetivos coletivos.

As instituições de ensino, principalmente as de nível superior, funcionam como locais estruturados para oferecerem conhecimento sistematizado, subsidiando a formação profissional de distintas áreas do conhecimento que atuando dialeticamente produzem a sociedade. Nesse sentido, Abramovay *et al.* (2002, p. 110) relata que:

Os modos de vida dos sujeitos em interação, dentro do cenário escolar, fornecem as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível. O ambiente propiciado pela escola favorece não só os processos informativos, mas, também, os de comunicação, produzindo um amplo universo simbólico que estimula configurações de sentidos e significados, possibilitando, desse modo, a constituição da subjetividade e a construção das identidades.

O processo de violência escolar não é um fenômeno estritamente nacional, a mesma se faz presente em distintos países e em diversas realidades (SPÓSITO, 1998).

Quando se trata de violência escolar, podemos classificá-la segundo Charlot (2002) apud Vieira (2008, p. 11863) em “[...] três ações diretas: a violência na escola; a violência da escola e a violência à escola”.

A primeira se caracteriza de fora para o interior dos muros da escola pela penetração de gangues, pelo tráfico de drogas, pelas desavenças entre os alunos. Já a segunda, manifesta-se pelos problemas internos característicos da deficiência estrutural do estabelecimento educacional, entre eles, a má administração escolar, regras repressoras, autoritarismo dos gestores, “abuso” de poder na relação professor e aluno. A terceira surge por meio de rebeldia, atos de vandalismo, depredação do patrimônio público, desrespeito com os professores e gestores, entre outros, como forma de resistência dos alunos a essas regras impostas pelo sistema de ensino que os impossibilitam de argumentar.

Para corroborar com nosso entendimento, Charlot (1997) apud Abramovay (2002, p. 93) aborda três tipos de violência escolar:

[...] a violência- golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; incivildades- humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; violência simbólica ou institucional- falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Nessa perspectiva, segundo Abramovay & Rua (2002, p. 25-26), devemos considerar diversos aspectos externos que influenciam na geração da violência:

- Entre os aspectos externos (chamados pelos especialistas de variáveis exógenas), é preciso levar em conta, por exemplo:
- Questões de gênero (masculinidade/feminilidade);
- Relações raciais (racismo, xenofobia);
- Situações familiares (características sociais das famílias);
- Influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.);
- Espaço social das escolas (o bairro, a sociedade);
- Entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), deve se levar em consideração;
- A idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes;
- As regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições;
- O comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Quando se fala em violência escolar não devemos esquecer que a mesma se estende não só entre o alunado, mas também entre professores e alunos. Além de permear as relações sociais estabelecidas com todos os funcionários que completam a estrutura da instituição de ensino: merendeiras, auxiliares de limpeza, porteiro, fiscais de pátio, coordenadores, diretores, administrativos. No entanto, a violência escolar não está presente somente nas classes sociais menos favorecidas.

Pesquisas apontam que nem sempre os estabelecimentos educacionais localizadas em bairros considerados violentos são inseguros e vive-versa. Observando-se assim, a importância das escolas em desenvolverem projetos educacionais de acordo com seu contexto cultural e comunitário. Para os PCN (BRASIL, 1997, p. 49) a escola ao elaborar o seu projeto educacional, tem a possibilidade de minimizar situações que podem gerar violência, por meio de um planejamento cuidadoso, participativo, que de sentido às ações individuais e coletivas dos professores, alunos e corpo técnico administrativo. Para isso:

[...] reúne-se a equipe de trabalho, provoca-se o estudo e a reflexão contínuos, dando sentido às ações cotidianas, reduzindo a improvisação e as condutas estereotipadas e rotineiras que, muitas vezes, são contraditórias com os objetivos educacionais compartilhados.

Ainda sobre os projetos pedagógicos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que os mesmos necessitam de discussão e reelaboração contínua, não havendo assim resultados imediatos, uma vez que, “cada escola encontra uma realidade, uma trama, um conjunto de circunstâncias e de pessoas”, sendo indispensável o incentivo do poder público local (BRASIL, 2007, p. 49).

Com referência a violência escolar, Abramovay (2002, p. 84) é incisiva ao afirmar que “[...] a violência é construída e, logo, pode ser também 'desconstruída', com estratégias que protejam as escolas de violências, tanto as que vêm de fora para dentro, como as interiores, aquelas que fazem parte do contexto escolar.”

Sendo assim, é imprescindível que as escolas busquem alternativas para proporcionar um ambiente escolar atrativo e seguro à sociedade. Desse modo, Abramovay (2002, p. 84) destaca que:

Escolas organizadas, bem cuidadas, com regras claras de comportamento, com segurança no seu exterior e interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. Assim como cultivar os vínculos com a comunidade, abrir as escolas nos finais de semana, para atividades sociais,

culturais e esportivas, e ainda contar com a participação ativa dos pais dos alunos pode tornar as escolas espaços mais seguros e novamente respeitados na sociedade.

Muitas vezes no ambiente escolar, os alunos sentem-se constrangidos e inferiorizados pelos colegas, uma vez que, recebem apelidos ofensivos e são discriminados pela aparência física, pelas condições financeiras, entre outras, o que se caracteriza o *bullying*¹. Os professores talvez por desconhecerem as formas que a violência escolar apresenta, acabam ignorando essas atitudes, acreditando que as mesmas são brincadeiras normais entre os alunos da mesma idade.

Outra discriminação sofrida pelos alunos é a relação de poder que alguns professores e gestores escolares utilizam para impor suas normas, aniquilando qualquer direito de argumentação. No que diz respeito ao poder, Foucault (1977, p. 262) apud Guimarães (1985, p. 39) afirma que:

Pode-se dizer que na escola o poder de punir torna-se natural e legítimo. Para Foucault o poder de punir não é essencialmente diferente do de educar. A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas. Cada indivíduo, na posição que ocupa, faz “reinar a universalidade do normativo” submetendo o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos aos inúmeros mecanismos de disciplina exercidos pela sociedade.

A escola com suas regras de obediência distorce seus objetivos principais, pois acaba desenvolvendo sujeitos não críticos, já que com medo das consequências os alunos admitem essas regras impostas pela instituição escolar sem nenhum questionamento. Sendo assim, as punições no intuito de corrigir, acabam gerando mais violência, mesmo que simbólica, pois causam nos alunos o sentimento de insatisfação, rebeldia e desânimo em permanecer na escola.

Já os professores enfrentam situações de extrema fragilidade, apresentando-se muitas vezes submissos ao sistema em que estão inseridos por não possuírem estratégias pedagógicas capazes de lidar com essa problemática. Ademais, os educadores na intenção de impor ordem e respeito na sala de aula acabam criando um ambiente autoritário, inadequado para uma aprendizagem significativa, estando eles sujeitos a sofrerem inclusive agressões físicas e psicológicas dos alunos. Souza (2008, p. 21) traz que:

¹ Atos de violência física e/ou psicológica que podem ocorrer em diversos locais como na família, escola, universidade, local de trabalho, vizinhança, entre outros. Normalmente são atos intencionais repetitivos que causam constrangimento à vítima.

A recomendação dos psicólogos e pedagogos para que os professores ‘tornem as aulas motivadoras, abandonem conteúdos rígidos, ensinem tudo que possa se transformar em vida e brinquedo’ - soa quase como afronta aos professores. Injunção paradoxal, essa de dizer para professores deprimidos que suas aulas devem ser interessantes. E que retira do professor sua razão de existir - transformando-o em simulacro de animador, ao qual é pedido que se esforce para concorrer com a televisão.

A instituição escolar muitas vezes apresenta-se num cenário dominador, inseguro e precário, atravessando por frequentes casos de depredações, rebeldia, agressões físicas ou verbais. Assim, a violência escolar não se apresenta como um produto da relação escola e violência, mas sim se configura em uma ação articulada entre os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos.

Sendo assim, não podemos responsabilizar as instituições de ensino pelas situações de violência em seu interior, tampouco retirar sua responsabilidade em garantir um ambiente adequado e propício para um ensino eficaz. Já que a escola além de oferecer um ensino de qualidade, também deve oferecer condições para a permanência do educando.

Considerações Finais

A educação como uma prática livre, socialmente construída e reconstruída no decorrer do tempo, torna-se imprescindível na formação social e intelectual do indivíduo. Nesse sentido, as diferentes culturas, etnias e valores presentes na sociedade contribuem para a formação do indivíduo e a educação possibilita a emancipação do aluno e do homem oferecendo condições e mecanismos de superação da alienação presente no cotidiano.

Nessa perspectiva, o ambiente escolar além de atuar no processo de formação do aluno, no desenvolvimento de suas habilidades intelectuais, o mesmo se responsabiliza em apresentar valores necessários para o viver em sociedade, para tanto, é fundamental a existência de um ambiente escolar equilibrado e harmônico para o processo de formação do indivíduo.

Como diz Abramovay (2002) de que a violência é construída, logo, a escola e a educação tem papel fundamental na desconstrução dessa violência, criando estratégias que protejam as escolas da violência externa, como o vandalismo e a depredação do espaço público, e os alunos e os professores da violência interna mediante o planejamento cuidadoso de suas ações, tanto no aspecto físico do espaço escolar quanto

na sua proposta didático pedagógica, e mesmo da violência que a escola pode produzir, configuradas em seus regulamentos e organização interna do ambiente.

Assim, a escola deve se constituir em um espaço de discussão coletiva, envolvendo os seguimentos que a compõem, do diretor da escola ao zelador, alunos e pais, a fim de compreender a função social da escola como um instrumento da formação escolarizada e enquanto um equipamento público gerador e receptor de influências na/da localidade. Portanto, as questões que envolvem a localidade e que afetam a comunidade, como é o caso da violência urbana e escolar devem ser discutidas coletivamente e as ações devem ser desencadeadas dentro de um programa de ações envolvendo a coletividade. Só assim, a escola tornar-se-á um lugar privilegiado para o desenvolvimento da sociabilidade e da cidadania dos jovens, distinguindo-se dos demais, notabilizando-se por um ambiente no qual as relações de conflito, comuns a todo convívio humano, sejam compreendidas e resolvidas de forma pacífica e construtiva.

Assim, pode-se concluir, mesmo preliminarmente, que embora não aconteçam no ambiente escolar as mais graves cenas de violência, sabemos que seus reflexos são ameaçadores para o ensino, já que colocam em risco o bom desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar, prejudicando a relação professor, aluno e instituição, interferindo-se assim, no processo de formação do indivíduo.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. Violências no cotidiano das escolas. In: ABRAMOVAY, Miriam (Org.). *Escola e violência*. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam (Org.). *Escola e violência*. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; LIMA, Fabiano; VARELLA, Santiago. Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. In: ABRAMOVAY, Miriam & RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

BRASIL. *Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília/DF: Ministério da Educação, 1997.

GUIMARÃES, Área Maria. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas/SP: Papirus, 1985.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *Depressão em professores e violência escolar*. Notandum 16 ESDC / CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*, nº 104, São Paulo/SP: Fundação Carlos Chagas/Cortez, 1998.

VIEIRA, Jeferson Christiano. As múltiplas faces da violência escolar. In: VIII Congresso Nacional de Educação / III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências nas Escolas. 2008, Curitiba/PR. *Anais...* Curitiba/PR: 2008.